

Floro Freitas de Andrade

**O FAZEDOR  
DE CERCAS**



Floro Freitas de Andrade

# O FAZEDOR DE CERCAS

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *O Fazedor de Cercas*

Autor: Floro Freitas de Andrade

Adaptação e revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga/ Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal:

1.ª edição: fevereiro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

Ao abrir estas páginas, o leitor começa uma viagem à Antiga China, a um tempo de há três ou quatro mil anos. Só alguns séculos depois nasceria Lao-Tsé. Mas os Homens Antigos já conheciam o *Tao* e sabiam *vivê-lo*.

Em dias tão distantes, não éramos diferentes. As nossas necessidades básicas eram as de hoje e os mais angustiantes problemas existenciais pediam soluções – como agora. Aqueles homens antigos, no entanto, haviam encontrado respostas originalíssimas às mais intrigantes perguntas de todos nós. E vivenciavam-nas.

Acaso seria possível chegar-lhes, chegar *lá*, onde parecem isolados, num Tempo inacessível?

Até onde nos pode levar a imaginação? E *quem* a leva?

Os Homens Antigos estão *lá*, à nossa espera. Apesar das dificuldades, não é tão grande nem «concreta» a escorregadia distância que nos separa deles. Afinal, o Tempo foi sempre uma ilusão de ir, tanto assim que se condensa e concretiza, inteiro, em cada *aqui/agora*.

É normal, portanto, que seja possível chegar *lá*. A nossa imaginação é a mesma daqueles tempos. E igualmente denso (como outrora) permanece o mistério que a leva. Talvez seja útil um balizamento novo nessa não-estrada, quem sabe um mapa em branco... ou uma bússola, contanto que não indique qualquer direção, apenas *possibilidades*.

Neste sentido, os textos que se seguem podem servir de orientação. E talvez tornem mais fácil e segura a nossa já iniciada viagem ao encontro dos Homens Antigos.

Floro Freitas de Andrade



## A PERFEITA ALEGRIA

*Chuang-Tzu*

Há na Terra a plenitude da alegria, ou não? Há alguma maneira de fazer com que a vida seja plenamente digna de se viver, ou será isto impossível? Se essa maneira existe, como encontrá-la? O que deves tentar fazer? O que deves procurar evitar? Qual será o alvo onde a tua atividade deve repousar? O que deves aceitar? O que deves fazer? O que deves amar? O que deves odiar?

Aquilo que o mundo valoriza é o dinheiro, a fama, a vida longa, o sucesso. O que, para ele, representa a alegria é a saúde e o conforto do corpo, a boa comida, boa roupa, belas coisas para ver, música agradável para ouvir.

Aquilo que condena é a falta de dinheiro, o baixo nível social, a reputação de não prestar para nada, e a morte antes de tempo.

Aquilo a que o mundo chama infelicidade é o desconforto e o trabalho físico, a falta de oportunidade para que tenhas a tua dose de boa comida, o não teres roupa de boa qualidade, não teres meios nem de te divertires nem de alegrares a vista, nenhuma música agradável que possas ouvir. Se as pessoas acharem que tudo isto lhes faz falta, caem no pânico, ou no desespero. Ficam tão preocupadas com a sua vida que a angústia se torna insuportável, mesmo quando possuem tudo o que pensam desejar. A própria preocupação com o prazer fá-las infelizes.

Os ricos tornam intolerável a vida, agitam-se incessantemente para obter fortuna cada vez maior, fortuna essa que, na verdade, não podem usar. Assim procedendo, alienam-se de si mesmos, chegando ao ponto da

exaustão no seu próprio labor, como escravos dos outros. Os ambiciosos correm noite e dia em busca de glória, constantemente angustiados com o sucesso dos seus planos, odiando o erro, que tudo pode destruir. Assim, alienam-se de si mesmos, exaurindo a sua vida real ao serviço da sombra criada pela sua insaciável esperança.

O nascimento de um homem é o nascimento da sua tristeza.

Quanto mais for vivendo, tanto mais estúpido se torna, pois a sua angústia no sentido de evitar a morte inevitável torna-se cada vez mais intensa. Que amargura! Vive em nome daquilo que está sempre longe do seu alcance! A sua sede de sobreviver no futuro torna-o incapaz de viver o presente.

Onde estão as autoridades e os eruditos que se autossacrificam? São elogiados pelo mundo porque são bons, corretos, dignos desse sacrifício.

Apesar disso, o seu bom carácter não os preserva da infelicidade, nem sequer da ruína, da desgraça ou da morte.

Gostaria de saber se, neste caso, a tua «bondade» é realmente assim tão boa, apesar de tudo! Não será, talvez, fonte de infelicidade?

Vamos supor que dizes que eles são felizes. Mas é feliz ter-se um carácter e uma carreira que irão, necessariamente, conduzir à própria ruína? Por outro lado, podes chamar-lhes «infelizes», se, quando se sacrificam, salvam a vida e a fortuna dos outros?

Tomemos o caso do ministro que, conscienciosa e corretamente, se opõe a uma injusta decisão do seu rei. Alguns dirão: «Diz a verdade, e se o rei não te quiser ouvir, deixa-o então fazer o que achar melhor. Não terás nenhuma obrigação ulterior.»

Por outro lado, Tzu Shu continuou a opor-se à política do seu soberano. Foi, portanto, destruído. Porém, se ele não houvesse mantido o que acreditava ser de direito, o seu nome não seria um nome honrado.

E é então que surge a pergunta: terá sido «bom» o princípio que escolheu, se, ao mesmo tempo, foi um princípio que lhe foi fatal?

Não posso afirmar se o que o mundo considera «felicidade» é ou não a felicidade. Tudo o que sei é que, quando medito nos meios de que eles se servem para a obter, vejo-os estonteados, tristes e obcecados, naquela precipitação geral dos rebanhos humanos, incapazes de se refrearem ou de mudarem de rumo. Durante todos esses movimentos, afirmam estar mesmo a ponto de atingir a felicidade.

Na minha opinião, não posso aceitar as suas teorias, quer digam respeito à felicidade ou à infelicidade. Chego a perguntar-me se o seu conceito de felicidade tem algum significado.

O que quero dizer é que nunca encontras a felicidade, a não ser quando cessas de a procurar. A minha maior felicidade consiste, exatamente, em não fazer nada, absolutamente, para obter a felicidade: e isto, na mente da maior parte das pessoas, é o pior princípio que pode haver.

Vou fixar-me no seguinte aforismo: «A perfeita alegria consiste em não se estar alegre. O perfeito elogio consiste em não se ter nenhum elogio.»

Se me perguntares «o que deve ser feito» e «o que não deve ser feito», na Terra, para produzir a felicidade, responderei que essas perguntas não têm resposta. Não há maneira nenhuma de determinar tais coisas.

Ao mesmo tempo, porém, se eu deixar de lutar pela felicidade, o «certo» e o «errado» tornam-se evidentes por si mesmos.

O contentamento e o bem-estar tornam-se imediatamente acessíveis, desde que cesses de agir com eles em vista, e, ao praticares o não-agir (*wu-wei*), obterás tanto a felicidade como o bem-estar.

Eis como resumo isto:

*«O Céu nada faz: o seu não-agir é a sua serenidade.  
A Terra nada faz: o seu não-agir é o seu repouso.  
Da união destes dois não-agires  
procedem todas as ações,  
todas as coisas são feitas.  
Como é vasto e invisível este devir!  
Tudo provém de lugar nenhum!  
Como é vasto, invisível – nenhum meio há que o explique!  
Todos os seres na sua perfeição  
nascem do não-agir.  
Daí o dizer-se:  
“O Céu e a Terra nada fazem;  
nada há, porém, que não façam.”  
Onde estará o homem  
capaz de alcançar tal não-agir?»*

Thomas Merton, *A Via de Chuang-Tzu*



## IV

São raízes.

Os Antepassados, que vida a vida foram trazendo a nossa, escondem-se sob a terra – às vezes tornados anónimos pelo Tempo – e mal podemos vê-los no que somos.

Estão aqui os meus... o meu pai, a minha mãe e os outros muitos, imperscrutável fonte do meu sangue e, portanto, das palavras que juntei.

## III

Mesmo antes de nascerem, para os filhos – sem saber – nós todos... *vamos*.

Eles nascem e para eles (não sabendo, mas amando) continuamos a *ir*. Nesse *ir*, natural e biológico, entregamos-lhes pelo caminho tudo o que somos, instante após instante... até à nossa extinção.

Palavra por palavra, aqui eu *vou*, nelas me deixando às minhas filhas, ao meu filho e a todos os que nascerem deles.

## II

Nas realizações de qualquer mortal, a presença da Mulher é tão suave e subtil que, quase sempre, nem se vê.

Aqui, embora invisível, Ela sorri por detrás de cada uma destas palavras – avó, mãe, filhas, netas, Amada... vitrais que Ela iluminou.

## I

*Tao*



I

LU



*Trilbar*



## OS BOSQUES DO RIO

**N**uma clara manhã de primavera, o jovem Sung-To foi ter com o velho sábio Tao-Chen à sombra das grandes árvores: – Mestre – disse –, há muitas coisas de que gostaria de saber, e a minha barriga<sup>1</sup> está cheia de perguntas. Já perguntei muito, a muitos homens e mulheres, aos meus pais, aos anciãos da aldeia e aos letrados de Twan, a cidade. Ninguém, contudo, satisfaz a minha fome de certezas. As respostas vêm carcomidas de conveniências e mais pretendem submeter-me do que revelar alguma coisa. Perguntei a muitos sobre o casamento, por exemplo. Para minha surpresa, não encontrei quem me respondesse algo que eu pudesse considerar válido, sincero e verdadeiro. E estou a precisar de certezas, Mestre! Muito quero realizar, mas tudo depende de respostas certas às perguntas que tenho. Quero desposar Liu-Shi, filha de Ling-Ho, mas ando indeciso como um jovem passarinho: tenho receio da minha própria ignorância. Liu-Shi já se impacienta com o que julga ser imaturidade minha, mas debalde anseio por me esclarecer. Poderás tu, com a tua sabedoria de Homem Antigo, ensinar-me algo e ajudar-me?

Durante instantes de silêncio impregnados de cheiros verdes, as perguntas do jovem refletiram-se no brilho doce dos olhos do velho. Fizeram-se sorriso, por fim:

– Não sou eu aquele a quem procuras, menino grande – disse suavemente o sábio. – Vieste de longe até mim e, no entanto, lá bem perto

---

<sup>1</sup> Os antigos chineses acreditavam estar localizado no ventre o que conhecemos por «mente».

de ti, nos Bosques do Rio, vive o homem que te pode ensinar o que queres saber. Conheces o velho Miu-Ti?

– Miu-Ti, o fazedor de cercas? – surpreendeu-se Sung-To. – Sim, ouvi falar dele. Muitas vezes, de longe, o vi a trabalhar. Mas, pelo que sei, não é um sábio. Só percebe de cercas...

O sorriso do velho voltou a falar:

– De facto, dizem que Miu-Ti não é um sábio. E que só sabe fazer cercas. No entanto, tem sabedoria escondida e pode esclarecer-te sobre muitas coisas. Sobre o casamento, creio que dará respostas claras e certas, além de ajudar a que te ajudes. Vai ter com ele, menino grande, porque muito aprenderás. Muito mais do que esperas, talvez.

Surpreendido e ainda confuso, Sung-To deixou o venerado Tao-Chen à sombra das Árvores Altas e dirigiu-se aos Bosques do Rio. Depois de longa cavalgada por campos floridos, sob as árvores de bosques frescos ou saltando regatos travessos, encontrou Miu-Ti entregue à faina de preparar bambus e cordas de verga.

Saudou-o:

– Bom velho, venho das Árvores Altas, onde fui procurar esclarecimento. Mas o venerado Tao-Chen recomendou-me que viesse até ti para que me ensinasses muitas coisas, entre elas o que é o casamento, pois é grande a tua sabedoria.

Miu-Ti ouviu-o com muita atenção, fitando-o com alegria compassiva. Leve e transparente, o seu sorriso abria ao jovem horizontes de ilimitada compreensão. E Sung-To falou. Primeiro, sobre o noivado com Liu-Shi. Embora titubeante, narrou detalhes do encontro com Tao-Chen. Por fim, rogou a Miu-Ti que o instruisse, para que pudesse libertar-se de receios e indecisões.

O velho pareceu surpreender-se. Contestou:

– Mas eu não sou esse sábio de quem falas. Vê! Sou apenas um fazedor de cercas, como tantos outros.

– Então nada sabes sobre o casamento? – decepcionou-se o jovem.

– Não – confirmou Miu-Ti. – Este velho só sabe de cercas e bambus...

Sung-To começou a afastar-se, cabisbaixo.

– Espera! – chamou o velho. – Uma jovem esteve aqui também, enviada por Tao-Chen. Queria saber o mesmo que tu. Como a ti, eu disse-lhe que nada sabia sobre esse assunto. Mas o velho fê-la voltar,

para que eu lhe explicasse como se fazem cercas. Ela ficou algum tempo comigo e aprendeu quanto quis. Um dia, de repente, disse que tinha percebido tudo. E foi-se embora, cheia de alegria. Talvez o velho das Árvores Altas queira que te aconteça a mesma coisa, Sung-To!

O rapaz sentiu-se muito confuso. Mas, ainda assim, confiou nos dois velhos, o das Árvores Altas e o dos Bosques do Rio.

Ficou.

Miu-Ti começou a mostrar-lhe como fazia cercas:

– Faço as cercas com bambus cortados ao meio – principiou o velhinho –, dispostos assim, verticalmente. Amarro-os dois a dois (aos pares) e vou-os fixando, com auxílio das cordas de verga, nestes longos e fortes bambus transversais. Como vês, são estes bambus compridos e resistentes que fazem, com os moirões, a estrutura da cerca. Devem ser retos e ficar paralelos ao chão; a sua grossura tem de ser quase a mesma, e certa, em cada extremidade.

Sung-To ia seguindo os passos lentos de Miu-Ti enquanto o velho descrevia o seu trabalho com gestos suaves e palavras tranquilas.

– Os bambus de que disponho chegam-me como estes. São dos tipos mais diversos. Há os que estão quase verdes ainda, cheios de seiva. Outros, secos e retorcidos. Alguns já velhos, com poucas fibras. Os maduros, amarelinhos e lustrosos, são os mais fortes. Nenhum é exatamente igual ao outro, embora, às vezes, tenham sido metades de uma mesma vara. Ponho os semelhantes aos pares, mas nem sempre. A beleza e a resistência do conjunto é que me dizem como organizar estes pares e, por isso, a maioria é feita de bambus dissemelhantes. Todos têm de participar na cerca, pois não deve haver refugos. Se sinto que um deles não deve ter um par, ponho-o sozinho e não muito distante dos outros, isolado ou integrando um grupo de solitários.

Sung-To pensou numa cerca perfeita, em que fossem usados somente bambus maduros, fortes e amarelos, a reluzir ao sol. Perguntou:

– Mas porque não fazes uma cerca só de bambus amarelos? Penso que seria muito mais resistente e menos trabalhosa.

– Não, Sung-To. A cerca seria excessivamente resistente, mais do que o necessário. Desprezaríamos todas estas ripas verdes e aquelas secas, que também são úteis. A Natureza não aprecia o desperdício. Vês importância demasiada nos bambus maduros, porque são belos e

muito resistentes. Mas quem te assegura, por exemplo, que Sung-To é mais importante do que uma mosca? Pensas que podes sentir certeza a respeito disto. Mas... e se fosses a mosca? Repara que tudo é igual numa coisa: em ser diferente. Não te admires, menino grande. Essa desigualdade precisa de ser compreendida, ou melhor, amada, para que consigas penetrar até mesmo além da seiva, na Vida que qualquer bambu *é*, e chegar Lá onde reina a Grande Igualdade e todos os bambus se fundem com o Céu, a Terra e as dez mil coisas. Vê, amando: os bambus maduros não são todos iguais, como não são iguais todos os outros. Cada um reage diferentemente ao calor, à chuva e aos ventos. Tu te surpreenderás ao veres quantos apodrecem prematuramente, ou racham, ou vergam de tal forma que se inutilizam. Os bambus maduros também não são perfeitos, Sung-To, e exigem muitos cuidados de conservação.

O rapaz ouvia, atento, apreciando o enlevo com que o velho tratava os bambus que se perfilavam eretos até desaparecerem da vista, entre a vegetação. Miu-Ti continuava a falar, com um brilho infantil nos olhos cinzentos. Apontou entrelaçamentos de varas que amarravam bambus. Disse:

– Não é muito difícil juntar, dois a dois, bambus diferentes. Retiro um deles do feixe e deixo o meu olhar vaguear sobre os outros até sentir que um – de entre dezenas, centenas – é o seu par certo. Não escolho. Neste instante, *eu sou* a cerca já inteira e completa; é a cerca que escolhe. Eu nada faço. Ela é que se faz através de mim. Nas voltas da corda que une os bambus, nesse laço, está o segredo da cerca. O seu conjunto faz a obra, com a sua consistência e harmonia.

Sung-To contemplou os nós e as curvas das cordas de verga enleando-se nos bambus. Admirou-se:

– Como? As cordas? Mas não são os moirões que sustentam tudo?

– Nada disso, Sung-To. Nada disso! – sorriu o velho, meneando a cabeça. – O moirão, só por si, não faz a cerca. Os bambus, sozinhos, também não. A cerca é o laço, menino grande. Ao apanhar a corda para fazer um laço, começo a sondar a textura das suas fibras, a sua flexibilidade e resistência. De tal modo faço que, em poucos instantes, sinto como se eu fosse a própria força de coesão que une as dez mil coisas. Entendes, Sung-To? *Eu sou* a cerca inteira já completa, mas sou também a cerca que se constrói e sou – mais intensamente – o par de bambus

que naquele momento começam a fazer parte dela, pois sou a própria força de junção das cordas de verga. Eu sou o nó, Sung-To, sou o nó que se faz. Sem que precise de pensar, as minhas mãos movimentam-se e dão o nó. Muitas vezes, aquele que fixa um par de bambus na vara de cima não é igual ao que o segura à vara de baixo. Observa como são diferentes todos estes nós. Há deles uma variedade imensa, quase um para cada par de bambus. Talvez seja difícil de entender. Mas todos estes nós foram pedidos pelos bambus. As cordas apenas atenderam, abraçando-os, consentindo em transformá-los na cerca através da força já débil dos braços deste velho.

Sung-To admirou-se dos laços e dos nós. Voltou a perguntar:

– Mas porquê tantos tipos de laços e de nós, Miu-Ti? Bastaria usar um só laço que juntasse bem, e um nó que fosse firme...

– Eu também não sei, Sung-To, o porquê de os homens serem diferentes uns dos outros, nem o porquê de as sementes iguais na aparência darem árvores diferentes. Aquilo que faz com que Sung-To se encontre com Miu-Ti não é igual ao que faz com que Miu-Ti oiça um passarinho, cumprimente o pescador do rio ou perceba os cambiantes de uma vara de bambu. Os encontros não são iguais, nem os desencontros. Compreendes, Sung-To? Os laços são diferentes porque as coisas que eles unem são diferentes. E porque haveria de não ser assim com os bambus?

Sung-To começou a sentir um respeito profundo pelo trabalho de Miu-Ti e entendeu o motivo que levou Tao-Chen a enviá-lo àquele velho com modos de menino.

Sentaram-se à sombra, entre flores húmidas, sobre um velho tronco seco. Sung-To não perdia um só gesto, uma única palavra do bondoso homem. Impressionava-o a ternura intensa que transbordava de cada movimento seu. Naquela voz macia, as palavras chegavam aos ouvidos do rapaz como afagos.

– Sung-To – prosseguiu o velho –, se todas as coisas fossem iguais, se os homens, as árvores, os animais, os bambus, enfim, se as dez mil coisas<sup>2</sup> fossem iguais, tudo seria triste, não? Pois não há alegria na estagnação nem na uniformidade, tão-pouco numa ordem feita de morte. O *Tao* não seria o *Tao* se fosse sempre o mesmo. Sinto-O como alegria pura, vejo que cada uma das dez mil coisas – tudo o que existe! – está contente

<sup>2</sup> «[...] dez mil coisas»: tudo o que compõe a Realidade, o Todo.

por existir. Tudo aquilo que vês, Sung-To, é *flor* do *Tao*, aparentemente quieta, mas movendo-se, modificando-se... e assim fazendo o Tempo. Tu és *isso*. Eu, diferente de ti, também sou *isso*. E o nó é também *isso*, Sung-To!

O rapaz viu uma abelha pousar na flor que nascera do tronco quase apodrecido em que estavam sentados. Encheu-se de pólen e zumbiu, feliz, desaparecendo ao longe.

A alegria universal de existir – pensou Sung-To. Tudo o que é, é flor. «Tu és isso»: a abelha; a flor. «Tu és isso»: flor que é *flor*. Abelha também *flor*. Com todos os seus bambus, a cerca desabrochou em essência: cerca-*flor*.

Mas Miu-Ti continuava:

– Quando enlaço com cordas os pares de bambus, jamais consigo pensar. Sinto apenas uma intensa excitação, um certo prazer, uma grande harmonia, que às vezes me faz chorar de alegria: *eu sou* o nó. E o nó está certo, tão certo como a flor. Entendes, Sung-To? Ao juntar dois bambus maduros, o laço apenas os abraça com pouca pressão, pois eles não têm excessos de viço a evaporar, e quase não diminuirá, com o tempo, a força da junção.

Se ambos são secos, o nó parecerá ténue e fraco. Mas não é. Não são necessárias fortes pressões para os manter unidos, pois já não podem transformar-se: permanecem unidos serenamente.

Com dois bambus verdes, o nó aperta-os um ao outro com paixão e envolvimento; abraçados fortemente, gemem no prazer das uniões intensas, estalando sob o sol, o vento e a chuva. Eles querem e o laço tem de ser forte. Se for fraco, rapidamente se separam, caindo da cerca mal o viço se evapore.

Ao unir bambu seco com outro maduro, o laço aperta mais um pouco, e apenas levemente, o maduro. O seco quase não precisa da pressão do laço para permanecer jungido; se apertado em excesso, o maduro pode comprimi-lo e rachá-lo. O laço então afrouxará e ambos se separarão.

Se for um seco a unir-se com o verde, o laço, para ser perfeito, terá de comprimir muito o verde e depois fixar, apenas fixar, o seco. Dependendo da força inicial do enlaçamento do verde, esta união pode durar muito. Mas a própria pressão do laço que os mantém unidos